



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O FUTEBOL COMO DIPLOMACIA DE PAZ

Eduardo Neves Faria de Oliveira

Brasília, março de 2015

Eduardo Neves Faria de Oliveira

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O FUTEBOL COMO DIPLOMACIA DE PAZ

Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília, à Comissão Examinadora, sob a orientação do Professor Dr. Virgílio Arraes.

Brasília, março de 2015.

Resumo

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de analisar o papel das Relações Internacionais e o Futebol dentro da diplomacia de paz. Ao longo deste estudo foram abordadas as definições de Poder e a Política Internacional, considerando que possibilidade da guerra ou da paz, depende dos elementos e características de política interna e externa. Além do mais, apresentaram-se os atores não governamentais como a FIFA, que é uma organização voltada para o futebol, e o COI, uma organização relacionada à realização das Olimpíadas. O nacionalismo e a relação do futebol e suas interações com a sociedade e governos. Para alcançar tal objetivo utilizou-se uma metodologia qualitativa com pesquisa bibliográfica, que permitiu apresentar a teoria acerca do tema. Após levantamento teórico, concluiu-se que o futebol, um grande evento esportivo, converte-se em uma ferramenta ideológica em que os países utilizam como forma de poder e de prestígio e desempenha um papel importante dentro de um país, onde essas dinâmicas permeiam as Relações Internacionais e Políticas. E ainda, podem encontrar processos de mudança estrutural, surgindo dessa forma, oportunidades para união e coalizão entre os povos.

Palavras-chave: Diplomacia. Futebol. Paz. Relações Internacionais.

Abstract

This paper was done in order to analyze the role of International Relations and the Football within of diplomacy peace. Throughout this study have been discussed the power settings and International Policy, whereas possibility of war or peace depends on the components and characteristics of domestic and foreign policy. Furthermore it presented the non-governmental actors such as FIFA, which is an organization for football, and COI, an organization related to the execution of the Olympics. Nationalism and the football relationship and their interactions with society and governments. It was used a qualitative methodology literature to achieve this goal, which allowed the present theory on the subject. After theoretical survey, it was concluded that football, a major sporting event, turns into an ideological tool that countries use as a form of power and prestige and it plays an important role in a country where these dynamics permeate the International and Political Relations. And yet, the processes of structural change, coming this way may be found, coming this way, opportunities for joint and coalition among peoples.

Keywords: Diplomacy. Football. International Relations. Peace.

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O FUTEBOL COMO DIPLOMACIA DE PAZ

Eduardo Neves Faria de Oliveira

INTRODUÇÃO

O presente artigo fará um estudo sobre *as Relações Internacionais e o Futebol como Diplomacia de Paz*. De alguma maneira o objetivo de se praticar o esporte, no caso o futebol, traz além do bem estar físico: o bem comum; carrega a outra face de se enxergar o mundo e os acontecimentos diários da realidade nacional e internacional.

A abordagem metodológica utilizada para análise de dados foi à pesquisa qualitativa. Como entendemos que a abordagem qualitativa é a mais indicada para analisar os dados descritos, considerando a observação, bem como por enfatizar mais o processo do que o produto e por retratar uma realidade específica. (MINAYO, 2010).

Diante da questão, dos objetivos e do problema em si, o estudo será delimitado da seguinte forma: os dados foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica em livros, artigos, Internet, teses e dissertações com dados pertinentes a área esportiva que discorrem sobre o histórico a respeito do surgimento e objetivos do futebol. A relação e o poder diplomáticos entre as nações tendo como base as Teorias das Relações Internacionais.

Apresento nesse estudo, as definições sobre Poder e a Política Internacional, que propõe uma análise mais ampla do mundo político frente à possibilidade da guerra ou da paz, considerando os elementos e características de política interna e externa, a preponderância das relações políticas estatais práticas que sugerem a possibilidade de existência de uma arbitragem internacional influenciada pelo poder e pela moral individual e coletiva. Ele ainda propõe que as abordagens em relação à existência ou não de uma comunidade internacional, no princípio da igualdade e o princípio de que o bem do todo, tem precedência sobre o bem da parte.

Interligando essas ideias e conceitos à realização de megaeventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, relacionando o futebol como forma diplomática e apaziguadora entre os povos. A influência de organizações voltadas para o esporte como a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e o COI (Comitê Olímpico Internacional)

na estrutura internacional. O futebol nos diversos acontecimentos diários, identificando as vantagens e desvantagens que eventos esportivos de grande porte podem proporcionar a um país.

O ano de 2014 foi para o Brasil um marco nas relações internacionais em relação ao futebol. A tendência quando há esses megaeventos é que o governo passa a não ser o único responsável em garantir a ordem e o funcionamento da estrutura internacional, ou seja, ocorre inevitavelmente à inclusão de novos atores, com capacidade de influenciar os centros de poder, para manter a estrutura ou para tentar mudá-la. Entre os atores estão a FIFA, que é uma organização voltada para o futebol, mas, também pode ser o COI. No Brasil, o que antecedeu a esse evento esportivo foi o montante de dinheiro empregado em infraestrutura e na mobilidade das cidades sedes.

Em vista dos Jogos Olímpicos que serão realizadas no ano de 2016 no Brasil, sendo pela primeira vez na América do Sul. Afinal, estes eventos trazem para o país sede e seus circunvizinhos, possibilidade de um crescimento econômico, seja na infraestrutura turística do País, em investimentos privados na economia atraindo o capital externo, ou até mesmo, pode estreitar o relacionamento com diversos governos e empresas internacionais, além de trazer a paz tão desejada.

E é importante ressaltar o histórico da candidatura do Brasil a sede da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos, observando que o futebol é uma paixão nacional e faz parte da cultura brasileira, assim como o carnaval, samba e o café, que torna o conhecido no cenário mundial.

2. TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

As Relações Internacionais por muito tempo foram vistas como questões que só importavam a elite e aos diplomatas, e não diziam respeito ao restante da população que as consideravam apenas como relações entre os Estados. Na atualidade, a globalização trouxe uma evolução do sistema internacional, por isso, as notícias internacionais tornaram de interesse de todas as classes sociais. Os fatores estudados nas relações internacionais são a organização internacional, as corporações multinacionais, os grupos terroristas e a política mundial, além de enfocarem os fatores internos dos Estados, como as coligações governamentais, interesses e decisões. Portanto, equilibra o poder político e as estruturas econômicas em nível internacional ao ideológico.

Há várias questões que têm preocupado a humanidade desde seus primórdios, uma delas é a guerra entre os povos. Nesse âmbito as Relações Internacionais procuram em ações diplomáticas estabelecer a paz.

Foram elaboradas teorias que norteiam as Relações Internacionais, tendo como finalidade a elaboração de métodos e conceitos, de modo a facilitar o entendimento da natureza e do funcionamento do sistema internacional, bem como estudar os fenômenos, atores e acontecimentos importantes que moldam a política mundial. As teorias aplicadas pelas Relações Internacionais são o Realismo, Liberalismo, Globalismo e o Construtivismo.

O Realismo foi amplamente divulgado pelo filósofo Maquiavel em “O Príncipe” e por Max Weber em seu livro “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Podemos ainda citar Edward Carr (1939) em sua obra: “Vinte Anos de Crise: 1919 – 1939” e Hans Morgenthau (1948) em seu livro “Politics Among Nations”. E o estado de natureza para Thomas Hobbes, é como o cenário internacional, com vários Estados e cada um é unicamente responsável por sua própria sobrevivência.

O Realismo é construído sobre o pessimismo antropológico, ou seja, para os realistas a natureza humana inevitavelmente leva a situações de conflito e de busca de poder (NOGUEIRA E MESSARI, 2005). O Realismo sugere a ideia de que o mal já é algo pertencente à sociedade, e que a prevenção por parte dos Estados aconteceria através de armamentos, influências econômicas e políticas, a paz só pode ser alcançada em caso de equilíbrio de poder entre os Estados.

Ao contrário, o Liberalismo fora construído sobre uma noção otimista sobre a natureza humana. Após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, grandes pensadores como Woodrow Wilson trouxeram à tona o Liberalismo. Uma das importantes características do Liberalismo é a sua defesa do individualismo, em que o ser humano é capaz de definir seu próprio destino de maneira autônoma. Esta teoria defende que uma sociedade bem estruturada assegura aos indivíduos as melhores condições para exercerem sua liberdade. No âmbito da Economia, o Liberalismo acentua que o Estado deve desempenhar, apenas, um papel de regulador e de garantidor que todos têm acesso, independentemente da sua capacidade econômica a serviços públicos que asseguram os direitos sociais fundamentais. (NOGUEIRA E MESSARI, 2005)

A sociedade passou por várias mudanças em nível comercial e econômico internacional na década de 90, e como resultado o aprofundamento das relações de

interdependência entre os Estados (com diversos atores internacionais: estatais e não-estatais), gerando uma transformação no período pós-Guerra Fria. A esse momento específico chamou-se de Globalização, que abriu-se à perspectiva do desenvolvimento de novos procedimentos de tomada de decisão, onde o livre mercado maximiza os ganhos desses novos atores internacionais, não sendo mais as escolhas centralizadas pelo Estado.

Ainda, para Keohane e Nye (1989), precursores globalista, o Estado ainda é o ator principal das Relações Internacionais. A política continua mantendo a sua centralidade e as Relações Internacionais continuam sendo pautadas pela política de poder, apesar das transformações impostas pela globalização, ao que se refere à territorialidade e centralização de poder. A economia surge como fator explicativo com o surgimento de novas estruturas de fundamental importância para o desenho do sistema internacional atual.

As teorias do Realismo e do Liberalismo tiveram uma grande falha ao prever o fim da Guerra Fria o que impulsionou a credibilidade da teoria Construtivista. Essa teoria critica os pressupostos estáticos da teoria das Relações Internacionais tradicionais e enfatiza que estas são uma construção social. Segundo Ruggie (1983), a importância da cultura e das ideias para o entendimento das Relações Internacionais atuais, constitui uma perspectiva “Construtivista” dentro da perspectiva globalista de análise das RIs.

Wendt (1994 apud in NOGUEIRA E MESSARI, 2005), idealizador da teoria Construtivista, defende ainda que, as estruturas deste sistema internacional são formadas por distribuição de ideias, não desconsidera a importância das forças materiais e imprime sentido a estas forças onde o conhecimento compartilhado depende da estrutura social dominante.

Segundo Adler (1999), a teoria Construtivista pode explicar as mudanças na economia política internacional, como também, sobre a tecnologia e economias nacionais e globais, dessa forma, ele define:

[...] os construtivistas acreditam que a capacidade humana de reflexão ou aprendizado tem seu maior impacto no modo pelo qual os indivíduos e atores sociais dão sentido ao mundo material e enquadram cognitivamente o mundo que eles conhecem, vivenciam e compreendem. (ADLER, Emanuel, 1999, pág. 206)

Podemos ainda citar uma premissa de Nogueira (2005, pág.163), ‘vivemos em um mundo em que construímos, no qual somos principais protagonistas, e que é produto das nossas escolhas’. Para os Construtivistas, passamos a ser agentes de nossa própria história, em que podemos modificá-la e transformá-la, ainda que dentro dos limites.

O referente estudo “*Relações Internacionais e o Futebol como Diplomacia de Paz*” é possível apontar um olhar Construtivista, assim como também encontrar situações que caracterizam o equilíbrio de ambas as teorias. Na realidade, o que podemos constatar no mundo atual é a ambígua existência de várias práticas. Porém, tudo depende do ponto de vista que prevalece. Podemos ainda compreender que um dos conceitos que mais chamam atenção para o Construtivismo é o conceito de identidade. (NOGUEIRA E MESSARI, 2005).

Através dessa teoria, a diplomacia de paz pode ser colocada em prática em megaeventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, cujo esporte, no caso o futebol, traça parâmetros para que os povos possam disputar dentro de regras legais os conceitos propostos por vários teóricos e acadêmicos dos estudos das Relações Internacionais, onde as divergências possam ser administradas de forma coerente, que mesmo associado a interesses políticos as disputas esportivas são consolidadas dentro de uma arena de paz.

2.1 PODER DIPLOMÁTICO ENTRE AS NAÇÕES

Segundo Hans Morgenthau (2003), a política internacional consiste em uma luta pelo poder, além do mais, o poder constitui sempre o objetivo imediato. Dessa forma, liberdade, segurança, prosperidade ou o poder em si mesmo é uma constante busca dos governantes e dos povos. Na análise conceitual e teórica apresentada pela Economia Política Internacional (EPI), percebe-se que a questão central reside no poder, seja a dos Estados em âmbito nacional, seja a dos Estados no sistema internacional. A dinâmica do sistema econômico internacional em suas esferas e dimensões, nas decisões e ações de atores nacionais e transnacionais; tendo como conceitos básicos o Poder, o Mercado, o Estado, o Sistema Internacional e a Vulnerabilidade Externa.

Esta concepção do poder, que destaca a interação de fatores de natureza material e de natureza volitiva, afigura-se mais aproximada à dimensão de análise de Susan Strange (1988), que considera diferentes estruturas, baseadas em tais fatores ao falar de

poder, faz distinção entre o poder relacional, que se reflete na habilidade de levar os outros a fazer o que não fariam de outra forma; e o poder estrutural, que rege as relações econômicas internacionais, além de determinar a agenda internacional. De acordo com Susan Strange para alcançar a organização social é necessário promover valores básicos como: riqueza, segurança, liberdade e justiça.

Strange (1988) explica ainda que o poder político é sustentado pelo poder de compra, pelo poder de deter o comando da produção e de mobilizar o capital, além de outras bases. Da mesma forma, o poder econômico é sustentado pela autoridade política, pela segurança jurídica e física fornecida pelo Estado. Ela ainda reforça a importância do poder estrutural, como primeira fonte de poder, que se desenha como uma pirâmide de quatro faces que são separadas, mas se relacionam entre si, e se sustentam formando os quatro pilares de poder, onde um país possui forças para proteger-se de determinadas ameaças ou riscos, e essa força transporta outros tipos de poder ao estado poderoso, não somente na esfera de segurança, mas como também em outros campos estratégicos, como o de administração, da justiça, podendo dessa forma fazer com que um país se torne submisso a outro.

Dentre os vários conceitos de poder, podemos citar o de Edward Carr (1939), em que o Estado pode definir seus objetivos em termos de um ideal religioso, filosófico, econômico ou social. Tendendo a desejar que esse ideal se materialize, quer em virtude de sua força interna, quer graças à intervenção divina ou como resultado natural do desenvolvimento dos negócios humanos. Podendo ainda tentar facilitar sua realização mediante o recurso a meios não políticos, tais como cooperação técnica com outras nações ou organismos internacionais. Contudo, sempre que buscar realizar o seu objetivo por meio da política internacional, estará lutando por poder.

Segundo Ruggie (input ROCHA, 2002, pág.61) “at the level of the individual actors, constructivism seeks, first of all, to problematize the identities and interests of states, to show that and how they are constructed.” Os agentes constroem de si mesmos e daqueles com os quais eles se relacionam, as regras específicas de comportamento, mais ou menos formalizadas, definem as estruturas que servem a intermediar suas mútuas intenções.

Vasconcelos (2008) afirma que por muitas vezes, o esporte foi utilizado como ferramenta de afirmação nacional e de divulgação dos Estados e de seus valores, além de poder ser convertido em instrumento importante no processo de formação e projeção

da imagem externa dos países. Durante grandes eventos esportivos internacionais, o Estado-Nação os converte em meio único de incubação para sentimentos nacionalistas. Na história da diplomacia brasileira na figura do Barão do Rio Branco, por causa deste processo de construção de sentimento de identificação nacional, este deu a devida importância ao esporte e recomendou às classes políticas que apoiassem ações de incentivo às práticas desportivas de massa.

Não há como negar que o esporte de grande massa como futebol traz muitas vantagens econômicas a um país. A realização de megaeventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, trazem bons relacionamentos entre os povos. Por causa dessa força, autores se formaram com capacidade de influenciar os centros de poder, até mesmo para manter a estrutura ou para tentar mudá-la, onde o governo local passa a não ser o único responsável em garantir a ordem e o funcionamento da estrutura internacional.

A diplomacia esportiva busca pela construção de *soft power*¹ atrair poder de investimentos internacionais aos Estados Nacionais para a realização de grandes eventos esportivos, devido a exposição midiática destas cidades ao mundo todo. (NYE, 2004).

Entre os atores estão organizações voltadas para o esporte como a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e o COI (Comitê Olímpico Internacional) que influenciam indubitavelmente na estrutura internacional.

Durante o século XX, após a Guerra Fria, o esporte, principalmente os grandes eventos como a Copa Mundial e as Olimpíadas, tornaram-se alvos de interesse para o mundo. Segundo Vasconcellos (2011), houve uma crescente participação de grupos empresariais (paradiplomacia esportiva) e maior atuação dos Estados empreenderem investimentos para sediarem os eventos (diplomacia esportiva), muitos governantes pelo poder e prestígio propagaram suas ideologias políticas.

Os governantes dos países ao sediarem esses eventos, conscientemente, utilizando-se do soft-power, sabem das oportunidades em construir, modificar e projetar sua imagem internacional com o propósito de aumentar sua influência no mundo.

¹ O Soft Power (que traduzido do inglês significa poder suave) é um termo novo em Relações Internacionais. O termo foi cunhado pelo célebre pensador Joseph Nye da Universidade Harvard, que argumenta existir um parâmetro ou mesmo uma teoria perceptível dentro das Relações Internacionais, caracterizado por elementos como mídia e cultura. (<https://analiseglobal.wordpress.com/2011/07/26/soft-power-%E2%80%93-definicao/> acesso em 15/01/2015)

A citação de Elói Martins Senhoras define este momento político e diplomático gerado pelos grandes eventos esportivos:

O esporte se manifesta como palco de disputas e convergências entre Estados Nacionais, o qual se caracteriza como *espírito construtivista* de difusão de um positivo valor de uma sociedade internacional e de projeção propagandística dos Estados, empresas e esportista, em contraposição aos resquícios de seu *espírito realista* no treinamento de tropas para a guerra. No plano do espírito construtivista, os Jogos Olímpicos da Era Moderna, propostos por Pierre de Coubertin, e as Copas do Mundo da FIFA, surgidas na década de 30 do século XX, a cada ano foram ganhando mais destaque dentro do cenário internacional, razão pelas quais muitos Estados Nacionais perceberam a oportunidade de serem vistos dentro da comunidade mundial por meio de uma ativa diplomacia esportiva. (SENHORAS, 2014. Pág. 2)

A finalidade da diplomacia pública é estabelecer a comunicação de um determinado país diretamente com o público de outros países com o propósito de divulgar e tornar aceitos seus valores, sua cultura, atrair investimentos, abrir mercados para suas empresas e, sobretudo, tornar aceito seu poder econômico e militar.

2.2. IDENTIDADE NACIONAL E CULTURAL BRASILEIRA

A Identidade Nacional é um conjunto de sentimentos, os quais fazem um indivíduo sentir-se parte integrante de uma sociedade ou nação, também pode ser caracterizada por uma condição social, cultural e espacial, tendo uma relação com um entorno político associadas a um Estado. Ao analisarmos por esta perspectiva notamos que a identidade nacional deve ser fortalecida para que haja a consolidação do Estado. Esta definição fora construída a partir do século XVIII, antes mesmo de haver a concepção de nação. Podendo ser simplificada como a soma da história e do presente que transmite informações e valores associados, permitindo a uma nação ser referência mundial. (CHIAS, 2010)

Paralelo a este conceito, observar-se a autodescrição da cultura patrimonial de uma sociedade, que apresenta a partir de uma consciência de unidade identitária ou como forma de alteridade, buscando demonstrar a diferença com relação a outras culturas. O sentimento nacionalista parte do pressuposto da valorização da sua história e conquistas, da sua língua, dos monumentos históricos, do folclore, dos modelos de

virtudes nacionais, da paisagem típica, das séries de heróis e patronos, do seu hino e do amor a sua bandeira.

Segundo José Luiz Fiorin (2009), há dois princípios que regem as culturas, que se definem pela exclusão e pela participação. A exclusão se manifesta por meio da triagem e segregação dos indivíduos, já a participação promove a heterogeneidade e a expansão cultural.

O futebol, desde a sua chegada ao Brasil no final do século XIX, encantou distintas classes sociais desde as classes mais empobrecidas até classes elitizadas, tornando-se, posteriormente, além do samba e do tradicional café, uma das paixões do brasileiro, significado de identidade para toda uma nação. Com todos os símbolos de identidade nacionalistas, o hino e a bandeira nacional tornam a ser força e a riqueza de nosso país, todas as culturas e etnias em uníssimo cantam a letra escrita por Joaquim Osório Duque Estrada (1870-1927) composta para enaltecer a nossa independência de Portugal, além do grito de guerra: “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”.

A Identidade Nacional começa através da exaltação de tantos romancistas literatos a nossa cultura e a nossa miscigenação. No entanto, o conhecimento do Brasil a outras pátrias acontece após a Copa de 1938, que foi disputada na França, um evento de grande importância ao firmar o futebol enquanto aliado do projeto de construção de uma unidade nacional proposto pelo Estado Novo (1937-1945) por Getúlio Vargas, construindo uma imagem de seleção nacional que despertou um sentimento de orgulho de ser brasileiro. Apesar de o Brasil ter alcançado o terceiro lugar no mundial, os jornais teceram discursos de caráter nacionalista contribuindo para reafirmar a ideia de uma delegação forte e disciplinada, com a função de mostrar o Brasil e o seu povo para o resto do mundo.

Da mesma forma, em 1958, após a conquista da Copa do Mundo na Suécia pelo Brasil, surge um sentimento nacionalista no coração do povo brasileiro. Enfim, saímos da escuridão e voltamos a ser reconhecidos diante de tantas outras nações pelo legítimo futebol e comportamento de nossos jogadores, sendo tolerantes, abertos e donos de uma alegria ímpar. Além do mais, a nova capital estava sendo construída, e Brasília logo se tornaria a referência de modernidade e desenvolvimento econômico do centro do país.

“O Brasil celebra a mistura da contribuição de brancos, negros e índios na formação da nacionalidade, exaltando o enriquecimento cultural e a ausência de fronteiras de nossa cultura. Essa concepção da mistura com o jeito de ser brasileiro apodera-se das consciências das massas por meio do futebol (MELO, 2006, p. 281-285) e da música popular (VIANA, 1995). José Lins do Rego(2002) e Mário Filho (2003), inicialmente, e depois Néelson Rodrigues (1993; 1994) mostram que a mestiçagem é que dá a genialidade do futebol brasileiro. Esse esporte é um reflexo do jeito de ser brasileiro, que une eficiência e malandragem, objetividade e transgressão, Apolo e Dionísio. As ideias da “ginga” e do “jogo de cintura” aí estão presentes. Néelson Rodrigues dizia que a seleção nacional era a “pátria em chuteiras”. (Fiorin, 2009, págs. 120-121)

As 209 nações associadas a FIFA mostram a sua identidade cultural quando uma delas é escolhida para sediar a Copa do Mundo, além do que muitos países mesmo sem tanta importância no cerco econômico mundial podem ser vistos, apreciados e conhecidos por milhares.

3. O FUTEBOL E SEUS MEGAENVENTOS: COPA DO MUNDO E OLIMPIADAS

Segundo Eric Pincas, em seu artigo a Copa surgiu para curar feridas, as fontes encontradas remontam a idealização deste grande evento esportivo a quase um tratado de paz pós-guerra. A história das Copas surgiu para curar as feridas da primeira Guerra Mundial (1914-1918), por um idealista francês chamado Jules Rimet, de personalidade forte e que sempre fora contrário às desigualdades sociais.

Em sua biografia pode-se encontrar um jovem de tendência democrata-cristã que militava pelo progresso social. Acreditava que o esporte unia as pessoas, dado feito pela realização das Olimpíadas, em que agregava os países em prol da saúde e harmonia entre os povos e que em muitas ocasiões havia o cessar fogo, uma breve parada no confronto bélico. Seus feitos sociais diante disso, o tornaram Presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA) em 1921. Ele batalhou, quase dez anos, para organizar uma competição aberta às equipes do mundo inteiro. Seu principal objetivo era aproximar os jogadores dos dois hemisférios, em um espírito de fraternidade.

Devido a sua participação na área esportiva, Jules Rimet juntamente com o advogado Robert Guérin, o banqueiro holandês Hirschman, o industrial gráfico francês Henry Delaunay tinham uma ambição de coordenar as diversas associações nacionais e uniformizar as regras do jogo. Dessa maneira, em 21 de maio de 1904, convidaram os

dirigentes esportivos da Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Suécia e Suíça, que se reuniram em Paris, na França, para criarem a *Fédération Internationale of Football Association* (Federação Internacional de Futebol), entidade que é conhecida até hoje pela sigla FIFA, sendo que a Inglaterra, berço do futebol, entraria na instituição apenas um ano depois.

Jules Rimet, com seu espírito político e ação diplomática rendeu-lhe a presidência da FIFA, em 1º de março de 1921, suas principais características era o ouvir e respeitar a opinião das massas. Após a Primeira Guerra Mundial, Rimet idealizou e concretizou a primeira Copa do Mundo de Futebol no Uruguai em 1930. As dificuldades por ele encontradas foram de cunho diplomático, visto que, conseguiu fazer nações inimigas se confrontarem pós uma guerra tão sacrificante.

A primeira competição internacional aconteceu no ano de 1872 entre a Inglaterra e a Escócia, o futebol era raramente jogado em outros países, a exceção da Grã-Bretanha. A expansão deste esporte acabou resultando na formação da FIFA em 1904, que reuniu sete nações da Europa continental.

O futebol foi considerado como um esporte olímpico em 1908, nos Jogos Olímpicos de Londres na Inglaterra, quando as medalhas foram de ouro, prata e bronze. No ano de 1914 a FIFA reconheceu o futebol nos Jogos Olímpicos como campeonato mundial de futebol para amadores, e passou a se responsabilizar por organizar a competição. Antes era apenas um prêmio simbólico, mas só ficou relevante em 1920 na Antuérpia (Bélgica), onde as equipes encaravam como a Copa do Mundo da época. Com as duas conquistas uruguayias em 1924 (Paris- França) e 1928 (Amsterdã - Holanda), foi o primeiro país sulamericano a conquistar este torneio.

Os jogos Olímpicos de 1932 (Los Angeles - Estados Unidos) não incluíram o futebol como parte do programa por causa da baixa popularidade nos Estados Unidos e houve uma discordância entre o COI e a FIFA sobre a condição dos atletas amadores.

A primeira participação brasileira com uma equipe nos jogos aconteceu no ano de 1952 (Helsinque - Finlândia), quando foi eliminada pela Alemanha Ocidental nas quartas de final. O futebol brasileiro desde que começou a ser colocado como uma das melhores equipes do mundo quando conquistou pela primeira vez a Copa do Mundo em 1958, carrega de quatro em quatro anos a esperança pela medalha de ouro olímpica.

Aos poucos, o futebol nas olimpíadas foi perdendo espaço para a Copa do Mundo, tornando-se um campeonato relevante para os países onde tinha uma importância pela FIFA.

Com isso, a FIFA decidiu realizar a sua própria competição mundial de futebol, a Copa do Mundo, que foi jogada pela primeira vez no Uruguai em 1930, em comemoração aos cem anos de independência deste país. As seleções foram convidadas a participar do torneio, porém queriam que fosse realizado na Europa. Além disso, consideravam as viagens longas e o alto custo intimidaram os europeus, que tiveram apenas quatro seleções em disputa.

Na Copa do Mundo de 1930, com a participação de 13 seleções com apenas quatro da Europa, sete da América do Sul e duas da América do Norte, a *Celeste Olímpica* (apelido da Seleção Uruguai bicampeã dos jogos Olímpicos de 1924 e 1928), conquistou a primeira edição de uma Copa do Mundo, e pode ficar com taça durante quatro anos. A seleção Brasileira fez uma campanha irregular, devido aos problemas políticos com a Federação Paulista de Futebol (FPF) que não cedeu os jogadores, porque buscavam a profissionalização.

Após a formação deste time de amadores, foi necessária a profissionalização do futebol (esporte bretão), devido a preconceitos raciais entre a elite que frequentava os clubes. Os negros do time de futebol não eram aceitos pelos sócios, geralmente conservadores, e começaram a pedir que eles se tornassem funcionários das agremiações. Surgiu, então, a ideia de pagar salários aos astros e torná-los empregados destas equipes.

A elite intelectual, entretanto, lutava contra essa “forma de mostrar a superioridade europeia frente ao Brasil”. O escritor Graciliano Ramos, autor de obras como “Vidas Secas” e “São Bernardo” dizia que a popularização do futebol era algo apenas passageiro e que o verdadeiro esporte nacional era a “rasteira”. Da mesma forma, Lima Barreto via o futebol como um esporte de elite, dominado pelos antigos senhores de escravos, e via no esporte uma nova modalidade de escravatura. (COSTA, 2009, <http://www.portal2014.org.br/noticias/81/O+FUTEBOL+CHEGOU+AO+BRASIL+EM+1874.html>. Acesso em: 01/12/2014)

Depois da participação do Brasil na Copa de 30, as brigas entre amadores e profissionais continuaram, e em 1933, foram criadas as ligas profissionais do Rio de Janeiro e São Paulo, e também realizavam campeonatos paralelos entre os amadores.

Um ano depois foi instituído a Federação Brasileira de Futebol (FBF) que realizou o primeiro campeonato profissional com seleções estaduais.

Na Copa de 1934, a desistência da Suécia dois anos antes do mundial fez com que o ditador fascista Benito Mussolini através de uma jogada política levasse a Itália a organizar a competição. A pressão era tamanha em cima da seleção italiana que na final contra a antiga *Checoslováquia*, Mussolini escreveu um bilhete para a *Squadra Azzurra* (apelido da Seleção Italiana) com a seguinte frase: "VITÓRIA OU MORTE". A Itália conseguiu seu primeiro título mundial.

Na Copa do Mundo de 1938, com a sombra da Segunda Guerra Mundial, países como Alemanha que organizou os Jogos Olímpicos de 1936 (Berlim) tinha o interesse em mais uma competição para a propagação do nazismo de Adolf Hitler. A Argentina lutava pelo rodízio de continentes, e por fim a França que homenagearia o criador do campeonato mundial, Jules Rimet. A França por uma questão política e diplomática foi a escolhida. Com a escolha dos franceses, a Argentina e o Uruguai não participaram desta edição por não concordarem que fosse novamente jogada na Europa. A Itália de Benito Mussolini, mantinha a hegemonia no futebol mundial com dois títulos de Copa do Mundo (1934 e 1938) e a medalha olímpica em 1936.

O Brasil pleiteava a sede do Mundial desde 1938, com a Segunda Guerra Mundial as Copas de 1942 e 1946 não foram realizadas, e um grande concorrente a Alemanha semidestruída pela guerra saiu da disputa. Dando total condição para que o Brasil organizasse o torneio, marcado para acontecer no ano de 1949, porém aconteceu um ano depois.

A CBD (Confederação Brasileira de Desportos) encantou a FIFA quando tinha a intenção de construir um estádio de futebol com uma capacidade de 155 mil pessoas. A inauguração do Maracanã aconteceu oito dias antes do início do campeonato mundial, este na qual seria o palco da final. E pela segunda vez, a Celeste Olímpica ficaria com o título ao vencer o Brasil, em um Maracanã lotado, marcando de vez a história das Copas do Mundo, o dia 16 de julho de 1950 (Maracanazo).

Na Copa de 1954, a escolha da Suíça como sede não foi difícil muito em função do cinquentenário da FIFA (entidade máxima do futebol), cuja sede fica em Zurique e pelo fato do país não ter sido atingido durante a Segunda Guerra Mundial. O Mundial de futebol teve pela primeira vez uma transmissão pela TV e os jogadores utilizavam camisas numeradas. A Hungria era a sensação do torneio com goleadas surpreendentes,

apesar de uma grande exibição parou na Alemanha Ocidental na grande final perdendo, na chamada batalha de Berna. A façanha dos alemães ficou na história por vários motivos, um deles foi a mostra de garra da Alemanha Ocidental, reerguida depois da Segunda Guerra Mundial.

Na Copa do Mundo de 1958, a opção pela Suécia que deviria ter sediada em 1934 foi decidida em 1950 durante a Copa no Brasil. E pela primeira vez, Jules Rimet não compareceu como presidente da FIFA, pois o mesmo morrera dois anos antes. O campeonato mostrou de vez a importância do Brasil para o mundo. Com um futebol alegre e determinado a seleção brasileira conquistava o primeiro título mundial, uma vitória sobre a anfitriã Suécia, os brasileiros puderam ser considerados os melhores daquele campeonato.

O Brasil vivia "os anos dourados" com o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), com a nova capital - Brasília- sendo construída, o plano de governo que coloca "50 anos de progresso em 5 anos de governo", que abria as portas para várias multinacionais. A música popular era contagiada com o surgimento do movimento Bolsa Nova, e os cânticos durante a conquista brasileira de futebol, A Taça do Mundo é Nossa, uma canção de autoria de Wagner Maugeri, Lauro Muller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô.

Na Copa de 1962, quatro anos após o primeiro título brasileiro, o Chile recebeu o mundial que voltava ao continente sulamericano após 12 anos. Mesmo com o terremoto de 1960, que deixou o país com milhares de vítimas e desabrigados, e considerados pelos europeus como um país pobre, a FIFA confirmou o Chile como sede, com o apoio de Carlos Dittborn, filho de diplomata chileno, que buscava na organização deste mundial a reconstrução de seu país. E o Brasil voltaria a dar alegria a seu povo com a conquista do bicampeonato mundial ao vencer a antiga Tchecoslováquia, com uma grande contribuição do genial Garrincha, e de uma equipe vibrante dentro e fora das quatro linhas.

A Inglaterra realizou a Copa do Mundo de 1966, por motivos de ações políticas e diplomáticas, Alemanha e Espanha brigavam para ser o país escolhido para a organização do mundial. Os ingleses tinha a seu favor a comemoração do centenário da Associação Inglesa de futebol - *The Football Association* - (1963), a mais antiga associação de futebol no mundo. Em seus domínios os ingleses conquistaram a Copa do Mundo de Futebol ao vencerem a Alemanha Ocidental.

A Seleção Brasileira após duas conquistas mundiais teve uma participação discreta neste campeonato, com apenas uma vitória e duas derrotas, a equipe não avançou para a segunda fase, ficando apenas na 11ª colocação, segunda pior na história das copas do mundo. O cenário político nacional passava por transformações, com os militares no poder, era o primeiro campeonato mundial que o Brasil vivia neste período com o governo do presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967).

A Copa do Mundo de 1970, foi marcada pela conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira e a escolha do México como sede, após os mexicanos terem organizado os jogos olímpicos de 1968, eram pontos favoráveis a este país pela estrutura. O Brasil venceu os seis jogos que disputou nesta competição e na final bateu a poderosa bicampeã Itália que também buscava o tricampeonato mundial. Na final o Brasil venceu e conquistou o título, embalada pela canção Pra Frente Brasil de composição de Miguel Gustavo, foi cantada no país na euforia ufanista do governo militar, e também pela primeira transmissão de uma TV em cores aqui no Brasil.

A seleção brasileira foi marcada por fatos relevantes neste mundial, a troca do técnico João Alves Jobim Saldanha por Mário Jorge Lobo "Zagallo" tornou-se público em decorrência que Saldanha era comunista e prejudicaria o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). A notícia vinculada era de que o presidente queria que convocasse o jogador Dário, o Dadá Maravilha, que jogava no Internacional de Porto Alegre. Médici era apresentado para a população como o homem do povo e apaixonado pelo futebol.

A propaganda do governo do Milagre Econômico em que a economia crescia 10% ao ano e o significativo aumento de emprego na indústria, alta na exportação de produtos especialmente agrícolas como soja e laranja, a economia mundial em crescente desenvolvimento, o Brasil se beneficiou dentro política internacional.

A Alemanha demorou para realizar uma Copa do Mundo, após anos em disputas com outros países e também em virtude de uma Guerra Mundial, na qual o país ficou completamente devastado, os alemães conquistaram o direito de realizar sua primeira Copa do Mundo de futebol depois da reconstrução desta nação. A Espanha franca favorita para receber o campeonato mundial 1974, tirou a candidatura de forma a ajudar a Alemanha Ocidental que buscava uma identidade nacional para o seu povo, e o

futebol seria a melhor maneira, e os espanhóis teriam apoio em 1982, na realização de uma Copa.

A Seleção Brasileira decepcionou os torcedores, pois não conseguiu repetir o mesmo desempenho da Copa de 1970. Naquele ano de 1974, o preço do petróleo aumentou imposto pela OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) gerou uma crise econômica mundial que levou ao fim do “milagre econômico”. A inflação disparou no Brasil e os brasileiros sofreram com o aumento dos preços e o arrocho salarial. Os alemães além de receberem o campeonato se sagraram bicampeões mundiais ao vencerem a Holanda (apelidada de Laranja Mecânica). E resgataram o orgulho através do futebol, que ficou ferido durante as décadas 30 e 40.

Na Copa do Mundo de 1978, a América do Sul voltou a organizar um campeonato mundial depois do 16 anos, com o Chile em 1962. A escolha argentina foi uma decisão delicada e com uma ação diplomática, onde o país sulamericano vivia assim como no Brasil, um período ditatorial. Houve protestos de vários grupos contra a realização da competição em território argentino, devido ao regime civil militar, porém a FIFA manteve a escolha por entender que as questões políticas não interfeririam em uma disputa esportiva.

Com escândalos, denúncias de suborno e muita pressão, a Argentina aproveitou com poucos o fator de ser a anfitriã do mundial e conseguiu o título de campeã pela primeira vez. Similarmente o que aconteceu com o Brasil oito anos atrás (1970) quando o governo militar brasileiro utilizou a propaganda para a conquista, e o governo argentino neste período buscou na popularidade a ganhar o campeonato.

Depois do apoio espanhol em 1974 aos alemães, a Copa do Mundo de 1982 já tinha um país escolhido, este seria a Espanha, após um acordo diplomático entre as nações envolvidas, a Alemanha Ocidental e a Espanha. A Itália voltou a ser protagonista com a conquista do tricampeonato mundial, feito este que não acontecia desde a década de 1930 quando foi a seleção a ser batida, com várias conquistas.

A Espanha preparou com poucos para a organização deste mundial, na busca por recursos com uma antecedência de três anos, aproveitou os investimentos de multinacionais dos jogos olímpicos de Los Angeles (que aconteceria dois anos depois em 1984), para fechar parcerias com um aval da FIFA. A entidade máxima do futebol aceitava os investimentos de grandes empresas.

O Brasil vivia uma das melhores seleções desde 1970 com a conquista do tricampeonato, mas a equipe que encantou os espanhóis e o mundo parou numa seleção mais equilibrada e que busca na copa uma resposta ao seu país, onde a Itália passava por uma corrupção interna dentro do futebol, com as alterações de resultados em seu campeonato local.

No cenário político econômico, o país entrava em um período que seu presidente o então General João Batista de Oliveira Figueiredo (1979-1985) e a população clamavam pela abertura política, que aconteceria dois anos depois (1984) com as Diretas Já. E a seleção era uma maneira da população conquistar uma alegria, que veio em canções como a Voa Canarinho Voa do jogador Júnior. "Aquela inesquecível Copa da Espanha do time de Telê Santana, com Sócrates, Zico, Falcão, Cerezo, Júnior, Oscar e Eder, entre tantos, no auge da forma" (SETTI - 2012).

O México voltava a organizar a Copa do Mundo de 1986, após a Colômbia por questões econômicas, não aceitar as exigências da FIFA, e abriu mão de ser a sede do torneio. Com isso, Estados Unidos, México, Canadá, Brasil e Peru disputavam a Copa no continente americano. Pela estrutura da Copa de 1970, o México foi o país escolhido para sediar pela segunda vez o torneio.

Com uma campanha impecável, a Argentina de Diego Maradona conseguiu seu segundo triunfo em Copas, que marcou um encontro de dois países que lutava por um território nas Malvinas, as quartas-de-final aconteceu na Cidade do México e a Argentina venceu a Inglaterra, que quatro anos antes (1982) entrava em conflito com os ingleses.

O Brasil passava por um período de transição de governo entre os militares para o civil do presidente José Sarney (1985-1990). As muitas crises enfrentadas pelo novo governo com mudança na economia causava um transtorno a população, que via na Copa do Mundo de 1986, maneiras de ter alegrias que não vinham desde 1970. Mas a seleção parou nas quartas-de-final contra a França em uma disputa por pênaltis. A Argentina voltava a uma final depois de oito anos e venceu a Alemanha Ocidental.

Na Copa do Mundo de 1990, a Itália foi a sede escolhida após uma disputa contra a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) que nos Jogos Olímpicos de 1984 (Los Angeles - Estados Unidos) se recusaram a participar das Olimpíadas, a FIFA através dos membros resolveram colocar o campeonato em solos italianos.

A disputa mais uma vez foi uma reprise da última edição em 1986, ocorrido a quatro anos antes no México. A Alemanha chegou a final contra a Argentina, mas desta vez os alemães como uma nação unificada levaram a melhor e venceram pela terceira vez.

Na Copa do Mundo de 1994, os Estados Unidos concorreram com o Brasil e Marrocos para sediar a competição. O poderio econômico americano falou mais alto e tinha a oportunidade de mudar a mentalidade de apenas ter o basquete, vôlei, futebol americano, hóquei entre outros esportes que eram os escolhidos dos norte-americanos. A grande mudança veio neste mundial, onde conseguiram lotar os estádios e realizar uma Copa do Mundo a altura da potência que os Estados Unidos representam para o mundo.

O Brasil voltou a ser campeão mundial depois de longos 24 anos de espera, com uma seleção sólida na marcação e com uma dupla de ataque Romário e Bebeto, a equipe passou por adversários como Rússia, Camarões, Suécia, Estados Unidos, Holanda e a Itália. Que mais uma vez disputava uma final contra o Brasil, assim como em 1970. E conquistava pela quarta vez a Copa do Mundo.

A vitória foi um alento a população brasileira que vivia tempos de turbulência com o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992), a crise econômica, o plano real -a nova moeda- e a morte do ídolo e tricampeão mundial de fórmula 1, Ayrton Senna, em 1º maio deste mesmo ano em Ímola (Itália).

A Copa de 1998 foi disputa por França e Marrocos, e os europeus levaram a vantagem sobre os africanos que iriam organizar o mundial pela segunda vez, que teve a participação de 32 seleções. Os *Les Bleus* (Os Azuis - apelido da Seleção Francesa) empurrados por milhares de torcedores fanáticos foram o décimo segundo jogador e colocou a França com a nova seleção campeã do mundo. Os franceses no decorrente ano viviam uma crise de identidade nacional, fomentada por questões raciais, sociais e políticas. O sucesso desta equipe com a vitória sobre o Brasil provocou uma mobilização de milhares de pessoas celebrando nas ruas a ideia de uma nação forte.

A Copa do Mundo de 2002 foi um dos objetivos da FIFA em expandir as competições internacionais a outros continentes e dois países Coreia do Sul e Japão foram os responsáveis pela organização em um continente que crescia no cenário futebolístico mundial, tanto na estrutura com na parte comercial. Após uma disputa com

México os asiáticos levaram a melhor. E o pentacampeonato mundial foi o ápice para a Seleção Brasileira.

A Copa de 2006 voltou a Europa, com a Alemanha recebendo o mundial pela segunda vez, porém como um país unificado. A disputa ocorreu contra a África do Sul que foi decidida no último voto, em favor dos europeus, há indícios de compras de votos. No campo, a disputa foi outra, a Itália que vinha de mais um caso de alteração de resultados em seu campeonato local, chegou devagarinho e conquistou o tetracampeonato mundial.

Devido a FIFA implantar o sistema de rodízio de sedes para a Copa do Mundo, chegou a vez de um continente como a África receber o mundial. Com a disputa por países africanos como Marrocos, Líbia e Egito, a escolhida foi a África do Sul pela força do ex-presidente Nelson Mandela e de uma cultura diversificada, a história política, e seus atrativos turísticos sediar a Copa de 2010. O título do campeonato mais uma vez foi para a Europa, só que desta vez com uma seleção que a tempos era considerada favorita, e que nessa disputa conseguiu provar seus valores. A Espanha chegou a final e venceu a Holanda

No ano de 2003, os dirigentes da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) indicaram o Brasil, O governo brasileiro na regência do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) empenhou-se em apresentar o Brasil como um possível candidato a sede da Copa do Mundo. Então, em 2007, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) inscreve oficialmente sua candidatura para organizar o Mundial de 2014, sendo o único candidato da América do Sul à Copa.

Finalmente, após, várias ações diplomáticas e corporativas empregadas, a FIFA anuncia oficialmente o Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014. O país recebeu a competição pela segunda vez após 64 anos. Orlando Silva, o então, ministro dos Esportes, afirmava que a Copa do Mundo de 2014 seria a oportunidade de desenvolvimento de que o Brasil necessitava, tanto para a modernização dos estádios de futebol como para a infraestrutura dos municípios.

A realização da Copa em 2014 injetou cerca de R\$ 142 bilhões na economia brasileira de 2010 a 2014, segundo o estudo Brasil Sustentável - impactos socioeconômicos da Copa do Mundo de 2014. A avalanche de recursos criou em média 3,63 milhões de empregos, além de ter adicionado R\$ 63,48 bilhões à renda da população. Além dos investimentos diretos na Copa, outros R\$ 112,8 bilhões foram

injetados na economia através do crescimento de setores como construção civil, turismo e comércio. Os turistas estrangeiros trouxeram para o país uma quantidade significativa de recursos. No período 2010 a 2014, o número de turistas internacionais cresceram em 3 milhões e o movimento de estrangeiros no ano da Copa, em 2014, ficou em torno de 7 milhões.

A disputa em campo foi emocionante do início ao final da Copa, com apoio do torcedor brasileiro, a seleção que vinha de uma brilhante Copa das Confederações em 2013, colocou um otimismo no seu torcedor. No entanto, a seleção brasileira frustrou e conseguiu o 4º lugar. A Alemanha consagrou-se tetracampeã mundial após vencer a Argentina. A popularidade da então, presidente da República do Brasil, Dilma Rousseff (desde 2011), se apresenta em baixa e a economia brasileira passa por percalços por conta do exorbitante investimento destinado a este evento.

4. FUTEBOL DIPLOMACIA DE PAZ

O futebol a princípio era considerado um jogo bárbaro, que só estimulava a cólera, a inimizade, o ódio e a malícia. Aconteceram também vários assassinatos devido à rivalidade entre equipes, por este motivo, ficou conhecido como "futebol de massa".

Nos meados do século XVI, em 1700, o futebol já popularizado teve que mudar e as formas violentas deste jogo foram proibidos. As escolas inglesas o adotaram como atividade física, ganhando regras e formas de disciplinas, organizaram e idealizaram as regras para este esporte.

O futebol tornou-se um esporte popular e de forte apelo nacional, um jogo disputado em campos não de batalhas, mas sim, em campos quadriláteros cercados de espectadores atentos, muitas vezes fanáticos, denominados de torcedores. Composto por 22 jogadores divididos em dois times rivais, com árbitros para manter a ordem e a disciplina. Apesar da nomenclatura bélica (atacante, arqueiro, defesa, ofensiva, arena, estratégia, grito de guerra...), hoje é considerado um esporte que une ideais, paixões e determina a sensação de liberdade e independência.

A diplomacia da bola se relaciona a algumas estratégias políticas durante alguns episódios da história da humanidade. Podemos citar, por exemplo, depois da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha dividida em duas partes: a Ocidental e a Oriental, por 45 anos, disputaram eventos esportivos, separadas. Após, a derrubada do muro de Berlim

(1989), o primeiro título de campeão mundial, da então, Alemanha unificada aconteceu em 1990.

Na França, durante a Copa do Mundo em 1998, os atletas das seleções dos EUA e Irã, adversários políticos, havia até aquele momento, 19 anos de total separação e tensão. Até que um sorteio colocou as seleções de futebol dos dois países no mesmo grupo. Ocasionalmente uma das mais criteriosas operações de segurança já vistas num Mundial. No entanto, o que se viu neste jogo foi uma disputa honesta e sensata, em que as diferenças políticas devem ser toleradas num campo de futebol. Os jogadores do Irã entregaram flores aos americanos antes do jogo e posaram para uma foto conjunta. No Estádio de Gerland (Lyon), jogadores de futebol mostraram que a paz, sim, é possível.

Nas Olimpíadas de 2000 em Sidney na Austrália, em que a Coreia do Norte e a Coreia do Sul uniram-se na cerimônia de abertura como uma só delegação, apesar de suas diferenças políticas.

Em 2004, o primeiro empreendimento da política externa brasileira, em parceria com a Federação Internacional de Futebol (FIFA), foi o jogo realizado no Haiti entre as duas seleções. A intenção era que o dinheiro arrecadado ajudasse na reconstrução desse país pós- guerra civil. Também, o Brasil enviou suas tropas para manter a paz e a ordem na Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti.

A Copa do Mundo na África do Sul, em 2010, propiciou um dos maiores símbolos do fim do Apartheid, um sentimento de irmandade coletiva, em que os fatores raciais, religiosos e sociais foram pulverizados em meio ao sentimento de pertencer ao um time e de torcer por sua nação.

Um fato que chamou a atenção durante a Copa do Mundo de 2014 no Brasil foi a visita do vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, ao Palácio do Planalto em Brasília, em uma tentativa de recompor a relação bilateral após o escândalo de espionagem detonado pelo ex-analista da Agência de Segurança Nacional (NSA, na sigla em inglês). “Pode-se dizer que é a diplomacia do futebol”, disse um porta-voz do governo brasileiro sobre a visita de Biden a Brasília, fora o primeiro contato oficial e de alto nível entre ambos os governos. (VEJA, 2014)

Em paradoxo à sua origem, o futebol é usado para transmitir uma mensagem diplomática de paz e promove a identificação do cidadão e do seu país, com a formação de organismos sejam governamentais ou não, que coordenam a atividade esportiva. Os

atletas e dirigentes procuram desenvolver a animosidade entre seus rivais, deixando nos campos apenas sua disputa pela bola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo corrobora em explicar como o futebol, um grande evento esportivo, converte em uma ferramenta ideológica que os países utilizam como forma de poder e de prestígio. O futebol pode ainda vir a desempenhar um papel importante, onde essas dinâmicas permeiam as Relações Internacionais e Políticas dentro de um país. E ainda, podem encontrar processos de mudança estrutural, surgindo dessa forma, oportunidades para união e coalizão entre os povos.

Amazarry (2011, pág.63) define que “de certo modo, verifica-se um padrão de oportunidades para a utilização de atividades esportivas com mais foco no futebol”. Dessa forma os países que buscam consolidar identidades, regimes e realidades, ou a própria imagem, podem lançar mão do esporte como atividade que, por sua representatividade já exposta, acaba gerando foco por parte da população em aspectos geralmente positivos. Ainda assim, ele explana que internamente podemos pensar na seleção como uma ferramenta bonapartista, ou como ferramenta de identidade nacional, considerando dispositivos como a diplomacia pública e geração de prestígio no cenário internacional. Com passar dos anos, os jogadores passaram a representar a diplomacia de um país, sendo os embaixadores da paz. Os megaeventos esportivos começaram a ter apoio das organizações como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), sendo promovidos por “garotos propagandas”: Pelé, Ronaldo, Figo, Kaká, Messi, Neymar, entre tantos outros, que através dessas iniciativas buscam promover a justiça social em caráter esportivo. Até mesmo, a Igreja Católica, o Papa Francisco escreveu uma mensagem motivadora a todas as nações, mesmo as não participantes da Copa de 2014, para que superassem o racismo e que o futebol é uma construção social e esportiva de encontro, que a paz e a harmonia possam ser motivo de solidariedade e respeito entre os povos. Após a Copa do Mundo, em uma ação diplomática inter-religiosa, o Vaticano promoveu uma partida futebolística em prol do diálogo entre as diferentes crenças e um apelo para a paz entre as nações, reuniram jogadores de várias religiões.

A Copa do Mundo e as Olimpíadas, os megaeventos ora citados, oferecem oportunidades de atenção para conhecimento da imagem e da cultura do Estado-Nação no plano internacional. E a motivação dos governos e da população está relacionada ao efeito positivo sobre os resultados esportivos internacionais do país. Através do futebol, valores como a educação, cultura e o senso de humanidade, podem ser promovidos entre a juventude, por meio de programas de formação. O que significa que tais investimentos a estes indivíduos e propriamente a sociedade levam por muitas vezes a situações de paz e de trégua a vários lugares do planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

CARR, Edward H. **Vinte anos de crise 1919-1939** Uma Introdução ao Estudo das Relações Internacionais. Universidade de Brasília-UnB. 2ª ed., Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2001. Trad. Luiz Alberto Figueiredo Machado.

MORGENTHAU, Hans J. **A Política Entre as Nações- A luta pelo poder e pela paz.** São Paulo, SP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Ed. Universidade de Brasília-UnB. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2003. Trad. Oswaldo Biato da edição revisada por KENNETH W. THOMPSON

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais – Correntes e Debates.** Elsevier. Rio de Janeiro, RJ. 2005

POIT, Davi. **Organizações de Eventos Esportivos.** 4 ed. São Paulo, SP. Phorte. 2006.

ROCHA, Antonio Jorge Ramalho da. **Relações Internacionais: Teoria e Agendas.** Brasília,DF. IBRI, 2002

RUGGIE, John. **The Limits of European Integration**. NY: Columbia University Press, 1983

STRANGE, Susan. **States and Markets**. Pinter Published, 2nd ed. London, New York 1998.

VASCONCELOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, Poder, Relações Internacionais**. 1^a Ed. Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2008.

Artigos:

AMAZARRAY, Igor Chagas. **Futebol: o esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e seu prestígio internacional**. Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais. Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011. Porto Alegre

FIORIN, José Luiz. **A construção da identidade nacional brasileira**. São Paulo: Bakhtiniana, v. 1, n. 1, 1o sem. 2009.

RAMOS, Pedro de Oliveira. **Por que a Fifa funciona? – Uma análise da organização internacional que controla o futebol no mundo**. Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais. Universidade de Brasília, 2011. Brasília-DF.

Sites

ADLER, Emanuel. **O construtivismo no estudo das relações internacionais**. *Lua Nova* [online]. 1999, n.47, pág. 206. ISSN 0102-6445. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451999000200011>. Acesso em: 17/10/2014

Análise Global. Soft Power -Definição. disponível em: <https://analiseglobal.wordpress.com/2011/07/26/soft-power-%E2%80%93-definicao/> acesso em 15/01/2015

Brasil Sustentável: Impactos socioeconômicos da Copa do Mundo 2014 - <http://fgvprojetos.fgv.br/publicacao/brasil-sustentavel-impactos-socioeconomicos-da-copa-do-mundo-2014#sthash.0BbI6SXq.dpuf>. Acesso em: 04/03/2015.

Chias, Joseph. **Brasil 2014: uma visão a partir do marketing e do turismo. 2010**
<http://falandoturismo-brasilrs.blogspot.com.br/2010/09/brasil-2014-uma-visao-partir-do.html>. Acesso em 17/10/2014

Copa do Mundo - História de Todas as Copas do Mundo. disponível em
<http://www.copacabanarunners.net/copa-do-mundo.html>. Acesso em: 25/11/2014

COMIN, Daniela Cristina. **As relações Argentino-Brasileiras: Identidade Coletiva e suas Implicações no Processo de Construção do Mercosul.** Disponível em:
<http://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/377/Teoria%20Construtivista.html>.
Acesso em: 01/12/2014

COSTA Guilherme. **O futebol chegou ao Brasil em 1874.** São Paulo 2009. Disponível em:
<http://www.portal2014.org.br/noticias/81/O+FUTEBOL+CHEGOU+AO+BRASIL+EM+1874.html>. Acesso em: 01/12/2014

Futebol e Marketing. Disponível em: -
http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_futebol/futebol_marketing.php. Acesso em: 08/12/2014

História do Futebol Brasileiro. Disponível em: <http://www.portal2014.org.br/o-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 08/12/2014

PINCAS Eric, **Copa surgiu para curar as feridas da Primeira Guerra Mundial.** Disponível em: -
http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/copa_surgiu_para_curar_as_feridas_da_primeira_guerra.html. Acesso em: 17/10/2014

RACY, J. Carlos e Janina Onuki. Globalização: perspectivas teóricas das relações internacionais. disponível em:
http://www.faap.br/revista_faap/rel_internacionais/rel_01/racy.html, Acesso em 15/01/2015

SENHORAS, Elói Martins. **Esporte, relações internacionais e a diplomacia esportiva brasileira**, disponível em <http://mundorama.net/2014/06/30/esporte-relacoes-internacionais-e-a-diplomacia-esportiva-brasilera-por-eloi-martins-senhoras/>. Acesso em: 15/01/2015

SETTI Ricardo. Disponível em: (<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/recordando-a-selecao-de-1982-para-muitos-apesar-de-nao-ter-ganho-a-copa-a-melhor-de-todos-os-tempos/> Coluna de Ricardo Setti - 2012) Acesso em: 01/02/2015

EUA e Brasil usam a 'diplomacia do futebol' para melhorar relações. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/eua-e-brasil-usam-a-diplomacia-do-futebol-para-melhorar-relacoes>. Acesso em: 01/02/2015

21/6 na história das Copas: o futebol promove a paz. Disponível em: <http://esportefino.cartacapital.com.br/na-historia-das-copas-eua-ira-1998/>. Acesso em: 13/02/2015